

Turismo cresce na cidade, mas o Mercado Modelo perde espaço

JOSÉ ARAÚJO NETO

O setor econômico que mais cresce em Salvador é o turismo, conforme estatísticas oficiais. No entanto, o Mercado Modelo, cartão-postal da cidade, conhecido no mundo inteiro, vem perdendo espaço e competitividade a cada dia. Um dos mais antigos comerciantes do local, Américo de Oliveira Lopes, 78 anos – 63 anos de mercado –, adverte que, se não for feita alguma coisa para melhorar, a tendência é a falência dos permissionários de barracas de bebidas e de artesanatos, além da invasão dos mendigos e marginais.

Américo é proprietário da barraca “Imbé Preto”, ponto visitado por artistas, sem contar com uma legião de admiradores do exterior. Segundo o proprietário, foi-se o tempo em que, além de turistas, centenas de trabalhadores de Salvador lotavam o Mercado Modelo desde as primeiras horas da manhã de sábado, quando as barracas eram abertas. “Essa hora (9h48), eu já tinha vendido três a quatro caixas de cerveja pra gente da Petrobrás e da Alfândega, que nunca mais apareceram”, conta, saudosos.

Esse tempo de bonança, segundo Américo, levou várias décadas e a mais pródiga foi a do governo de Getúlio Vargas, “o homem do Brasil”, quando, conforme ele, um trabalhador braçal ganhava 100 mil réis, gastava 50 e colocava o restante na poupança. “Hoje não tem poupança, não tem mais nada, porque o povo não tem mais dinheiro”, salientou o comerciante, que chegou a ter três saveiros e hoje só mantém um, com muita dificuldade.

Para Américo, três são os problemas do Mercado Modelo: primeiro, a rivalidade com o Pelourinho, porque os guias, apesar de estacionarem os ônibus no mercado, levam os turistas para a Cidade Alta; segundo, a extinção da rampa, onde eram vendidos produtos do mar, porque as pessoas, depois de comprar o peixe ou a lambreta, iam “tomar umas” no mercado.

Mestre Bimba

Para o comerciante, é “cultural” o terceiro problema: “Antigamente, capoeirista era gente decente. Eu conheci Mestre Bimba, Mestre Samuel e Mestre Ismael, jogavam capoeira no chão, vestidos de diagonal (roupa semelhante à de marinheiros), com gravata e sapato de piso macio, mas não se sujavam nunca”, lembra Américo. “Hoje, em dia, os caras ficam pulando para um lado e para o outro, parecendo lutador de caratê e tudo nu, uma vergonha!”, criticou Américo, salientando ainda que no passado a capoeira era



Foto: Antônio Saturnino

Com mais de 60 anos na atividade, Américo tem saudade do tempo em que o trabalhador ganhava bem

guiada por viola, berimbau e pandeiro, enquanto que hoje é pelo atabaque, “parecendo can-dômbé, onde já se viu?!”. A decadência cultural da área do Mercado Modelo é atestada até por outros profissionais que trabalham no local. O guarda-

dor de carro Edinaldo Moura conta que a Praça Visconde de Cayru (situada em frente ao mercado) hoje em dia é habitada por mendigos, que depois de tomarem dois a três garrafas de cachaça chegam a fazer sexo explícito na frente de todo mun-

do, no meio da manhã. “Certo dia, um deles estava fazendo necessidades fisiológicas no meio da praça e um turista de São Paulo foi para perto e tirou uma foto, dizendo que iria mostrar para os amigos o que é que a Bahia tinha”.

Comércio terá recuperação

BERNARDO DE MENEZES

Medidas emergenciais de combate à degradação sofrida pelo Comércio começam a ser executadas, contemplando a rede de drenagem, pavimentação, iluminação, poda de árvores, restauração de monumentos, intensificação da limpeza urbana, dentre outros serviços. A previsão é que este trabalho emergencial esteja concluído nos próximos dois meses, segundo o secretário municipal do Planejamento, Manoel Lorenzo, que falou sobre o assunto para técnicos municipais e lojistas daquela área, autores das reivindicações de melhoria.

O encontro foi na Associação Comercial da Bahia. Como novidade, a disposição da prefeitura de privatizar toda a área de estacionamento das ruas, com a implantação da Zona Azul (mais de 1.200 vagas). Ele admitiu que o Comércio vem sofrendo um processo de esvaziamento contínuo, apesar de seu valioso patrimônio arquitetônico, e as medidas anunciadas sinalizam para uma substancial melhoria das condições. Para minorar os problemas do trânsito nesta movimentadíssima região, pretende-se instalar áreas para

carga e descarga nas ruas Lauro Muller, Frederico Costa e Rodrigues Alves.

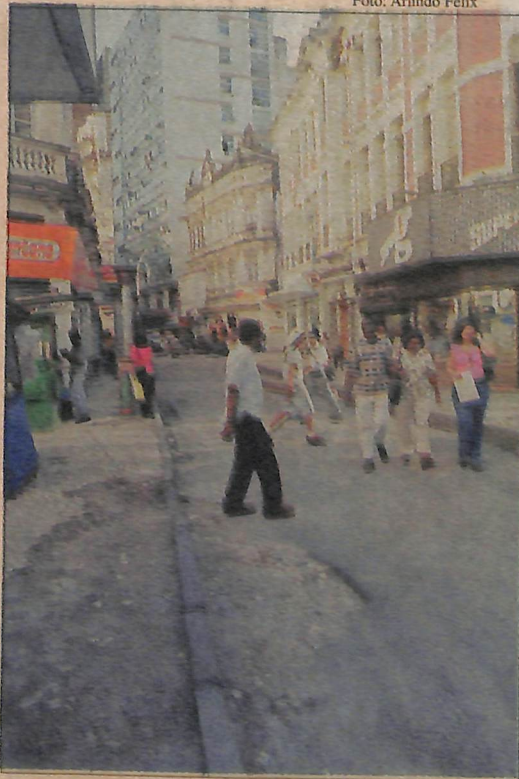
Fontes históricas

Estas ações mobilizam várias secretarias e órgãos municipais, além de contarem com a parceria dos lojistas locais. Entre os trabalhos mais importantes está a recuperação da Fonte dos Padres, na Ladeira do Taboão, e da Fonte das Pedreiras, na Ladeira da Preguiça, cuja pavimentação também carece de melhoria. O funcionamento de bares deverá ser melhor fiscalizado, com a atuação da Sucom (Superintendência de Controle e Ordenamento do Uso do Solo do Município). Após as 18 horas será controlada a quantidade de mesas e cadeiras nas calçadas, bem como o volume sonoro.

Será coibida a utilização do espaço público como

depósito de mercadorias. A Associação Comercial da Bahia assumiu o compromisso de convencer os comerciantes a ajudar no reparo das calçadas, bem como adquirir novos contêineres para colocar o lixo e implantar dez sanitários químicos em locais pré-estabelecidos.

Foto: Arlindo Félix



Calçadas são evidência do estado de degradação